

Marcos Breda, Camila Pitanga e CARAVANA PRODUÇÕES apresentam

# ARLEQUIM

## Servidor de Dois Patrões

de Carlo Goldoni

tradução Millôr Fernandes

direção Luiz Arthur Nunes

Anderson Müller Camila Pitanga Carol Machado  
Carolyna Aguiar Ernani Moraes Guilherme Piva  
Leonardo Vieira Marcos Breda e Mario Borges

Dramaturgismo e texto cênico **Beti Rabetti**

Cenografia **Rosa Magalhães** . Figurinos **Coca Serpa**

Música Original **João Carlos Assis Brasil**

Visagismo **Mona Magalhães** . Iluminação **Luiz Paulo Nenen**

Preparação Corporal **Rossella Terranova**

Direção de Produção **Maria Helena Alvarez**

6 de dezembro a 10 de fevereiro

estréia 6 de dezembro 21h

TEATRO MAISON DE FRANCE

**A** impagável história de *Arlequim, Servidor de Dois Patrões*, referência obrigatória na preservação da tradição secular da *commedia dell'arte* italiana, está de volta aos palcos cariocas, numa produção associada dos atores **Camila Pitanga** e **Marcos Breda** com a produtora teatral **Maria Helena Alvarez**, da CARAVANA PRODUÇÕES. Com o próprio **Breda** vivendo o picaresco e trapalhão personagem-título, **Camila** no papel da audaz e apaixonada *Beatriz Rasponi*, **Ernani Moraes** como o peripatético *Pantaleão Bisognoso*, **Mario Borges** como o conspícuo *Doutor Lombardi*, **Leonardo Vieira**, **Carolyna Aguiar** e **Guilherme Piva** transbordando candura e lágrimas nas peles melodramáticas dos Enamorados *Sílvio Lascivo Trecuglioni*, *Clarice Bisognoso* e *Florindo Aretusi*, **Anderson Müller** como o dissimulado e buliçoso albergueiro *Briguela Cavicchio*, e **Carol Machado** encarnando uma eutrapélica *Esmeraldina*, o espetáculo, dirigido por **Luiz Arthur Nunes**, desembarca no Rio no próximo dia 6 de dezembro para dois meses de temporada no recém-reformado Teatro Maison de France, no centro da cidade, depois de uma maratona de três meses de ensaios e com o aval das platéias de quatro cidades e seis capitais entre Centro, Sul e Sudeste do país<sup>1</sup>.

## Uma arte do ator por excelência

Marco da dramaturgia cômica italiana, *Il Servitore de Due Patroni*, de 1745, pertence a um conjunto de peças escritas pelo veneziano **Carlo Goldoni** que cumpriu a dupla função de preservar e, ao mesmo tempo, renovar a *commedia dell'arte*, gênero de teatro popular surgido no século XVI e transmitido por tradição oral de geração em geração. Apreciada pelo povo e pela nobreza, praticada por trupes mambembes tanto em praças públicas quanto em castelos, a *commedia dell'arte* era uma arte do ator por excelência, com tramas rocambolescas e rudimentares a serviço de um jogo cênico em que o histrionismo, a habilidade corporal e a capacidade de improviso tinham papel preponderante. E desfiava uma galeria de tipos, dividida em dois grupos básicos: os personagens sérios (ou Enamorados), jovens apaixonados que, no mais das vezes, viam-se diante de poderosos obstáculos para realizar sua paixão; e os personagens cômicos, descendentes diretos da antiga tradição da bufonaria medieval, com seus tipos recorrentes como o *Pantaleão*, o *Doutor*, o próprio *Arlequim*, etc. Gravitando entre o ridículo e o grotesco, estes personagens portavam máscaras rígidas que, ao longo dos séculos, preservaram características fisionômicas específicas.

Em decadência há quase um século, a *commedia dell'arte* vinha se vulgarizando e descambando para a escatologia quando, em meados do século XVIII, Goldoni empreendeu sua reforma, devolvendo a dignidade e emprestando consistência dramática ao gênero popular, a que agregou, ainda, traços de um fenômeno recente na escritura teatral italiana: o melodrama, que passa a ditar o tom das falas dos Enamorados.

---

<sup>1</sup> *Arlequim, Servidor de Dois Patrões* fez sua estréia nacional em 26 de julho no Theatro São Pedro (Porto Alegre), excursionando em seguida pelo interior do Rio Grande do Sul (Caxias do Sul, Santa Maria, Pelotas e Erechim), e ainda Goiânia, Curitiba, Cuiabá, Campo Grande e Belo Horizonte, em um total de 30 apresentações.

## Fidelidade sem arqueologia

Sem pretender fazer de sua montagem um empreendimento arqueológico, o diretor gaúcho **Luiz Arthur Nunes** investe no “jogo atoral, com seu alto grau de qualidade lúdica”, essência da *commedia dell'arte*, para erguer sua arquitetura cênica. Mas busca uma transposição endógena, impregnada do temperamento do ator brasileiro.

Afiado por três meses de ensaios e pelo transcurso de 30 apresentações, o elenco empreendeu um mergulho teórico e prático no universo da *commedia dell'Arte*, sob a orientação de duas especialistas no teatro cômico popular: a dramaturgista **Beti Rabetti**, titular do Departamento de Teoria do Teatro da UniRio desde 1986, que municiou os atores do fundamento teórico necessário; e a atriz e professora **Tiche Vianna**, que ministrou duas oficinas práticas sobre a utilização das máscaras, do corpo e da voz na construção dos personagens-tipo. A intensa fisicalidade exigida, principalmente pelos personagens cômicos, também foi exaustivamente trabalhada com os atores por uma *expert* no assunto: a preparadora corporal **Rossella Terranova**.

Para enriquecer ainda mais o processo de preparação do elenco, a produção articulou ainda uma aula magna com o ator **Ferruccio Soleri** – o *Arlecchino* do Piccolo Teatro di Milano, desde 1963 – e trouxe da Itália uma das maiores autoridades no gênero: **Roberto Tessari**, professor de História do Teatro e de Dramaturgia da Università di Torino e da Escola de Teatro dirigida na Itália por Luca Ronconi.

O espetáculo que sobe ao palco do Maison de France no início de dezembro condensa em duas horas e dois atos o texto de Goldoni, construído originalmente em três atos, com três horas de duração. A partir da tradução de Millôr Fernandes, a dramaturgista Beti Rabetti e o diretor Luiz Arthur Nunes promoveram cortes cirúrgicos que, ao deixar de fora alusões datadas e pequenas gorduras, conferem mais agilidade à encenação.

## Os atores-produtores

Segundo papel teatral de **Marcos Breda** depois do cumprimento da Bolsa Virtuose – que, conferida em 1999 pelo MinC, lhe valeu seis meses de estudos entre 2000 e 2001 na École Philippe Gaulier, em Londres, onde, entre outras técnicas de atuação, estudou máscara neutra, bufonaria, melodrama, *commedia dell'arte* e *clown* –, *Arlequim Battocchio* é um desafio a que o ator escolheu se submeter. Breda, que pratica capoeira desde 1985 e a adotou como tema de sua tese de Mestrado em Teatro na UniRio (“A Capoeira na Preparação do Ator”), procurava um personagem que lhe permitisse colocar em cena o vasto repertório de recursos corporais e interpretativos adquirido em mais de vinte anos de carreira. Indicado por Luiz Arthur Nunes, que o dirigiu em *O Homem e A Mancha* (1997), de Caio Fernando Abreu, primeiro espetáculo produzido pelo ator, o *Arlequim*, de Goldoni, saiu melhor que a encomenda. Definido pelos especialistas como “uma mente lenta em um corpo rápido”, *Arlequim Battocchio* é um pobre diabo, que, dotado de alguma sorte e nenhum juízo, recorre a toda a espécie de estratégias para atender a dois patrões, sem que nenhum suspeite da existência do outro. O corre-corre exige do ator um *tour-de-force* físico e uma inteligência cênica respeitáveis.

**Arlequim...** marca também a estréia como produtora e o retorno aos palcos, depois de dois anos de ausência, de Camila Pitanga. A atriz, que debutou na telinha aos 17 anos, na minissérie *Sex Appeal*, e hoje cursa o 11º período de Teoria Teatral da UniRio, encontrou na Enamorada *Beatriz Rasponi*, a jovem turinense que se traveste de homem para receber a herança do irmão morto e reencontrar seu amado, e na possibilidade de incursionar pela tradição da *commedia dell'arte*, uma oportunidade rara de crescimento profissional. A ponto de encarar sua participação no espetáculo como uma espécie de rito de reiniciação na arte teatral.

## Sinfonia Coral

Concebido como uma “sinfonia coral”, como bem define o diretor Luiz Arthur Nunes, **ARLEQUIM...** é, no entanto, uma obra onde os diálogos são distribuídos de forma admiravelmente equânime entre os nove personagens. Estruturada sobre uma sucessão vertiginosa de cenas curtas, que impõem um ritmo necessariamente frenético à encenação, trata-se de uma daquelas peças que só “funcionam” se o elenco estiver 100% afinado, atuando no mesmo diapasão e no mesmo tempo cênico.

A esta peculiaridade talvez se deva a generosidade com que a equipe de colaboradores do espetáculo desenvolveu o seu trabalho, optando por soluções simples, que não interferissem demais no jogo de cena.

O iluminador **Luiz Paulo Nenen** projetou uma luz de poucos movimentos, que basicamente costura entradas e saídas, além de sublinhar, aqui e ali, a emotividade passional dos Enamorados.

Com um pé na tradição e, outro, na modernidade, a cenógrafa **Rosa Magalhães** incorpora três elementos recorrentes nas encenações originais da *commedia dell'arte*: o tablado, para delimitar o espaço em que se dá a ação cênica; as coxias aparentes, deixando à vista do público os atores que não estão em cena; e as cortinas de fundo, que referenciam (e diferenciam) as diversas “locações” previstas no texto. Mas recorre à tecnologia digital para reprocessar e imprimir, sobre imensas plotagens, as imagens criadas para recobrir o piso e ambientar as cenas (cortinas e ciclorama de fundo).

Dentro desse mesmo espírito, a música original de **João Carlos Assis Brasil** busca inspiração na produção musical do século XVIII para (re)construir, para flauta transversa e sintetizador Korg, uma “suíte antiga” em que se ouvem temas líricos e danças típicas da época (como a Bournée, a Badinerie, a Gija, a Sarabanda e o Minueto), e onde o sintetizador faz as vezes de uma orquestra de câmara, reproduzindo o som de violinos, violoncelos, harpa, cravo e outros instrumentos utilizados na época.

A figurinista **Coca Serpa** procura respeitar parâmetros básicos que caracterizavam os chamados personagens-tipo na *commedia dell'arte* tradicional – como o vermelho para o *Pantaleão*, o negro para o *Doutor* e retalhos para o *Arlequim* – e trabalha com lã e tecidos rústicos.

A visagista **Mona Magalhães** faz uma primorosa recriação de uma das marcas registradas da *commedia dell'arte*: as máscaras rígidas que tradicionalmente emolduram o rosto dos personagens cômicos. A partir do conceito de máscara viva, ela promove a fusão dos traços fisionômicos que caracterizavam os chamados personagens-tipo com as feições e compleições faciais (incluindo a estrutura óssea) de cada ator, esculpindo próteses de látex (narizes) sobre reproduções em gesso dos rostos dos atores, e aplicando, em alguns personagens, barbas e bigodes postiços; completam a composição, efeitos de luz e sombra. Para os chamados personagens sérios (os Enamorados), Mona resgatou uma curiosa prática utilizada pela sociedade européia oitocentista em bailes e grandes acontecimentos sociais: a inscrição de pequenas silhuetas iconográficas que, a depender da posição em que eram aplicadas no rosto, indicavam se a criatura estava disponível, apaixonada, se desejava um beijo etc.

## De outros Arlequins

A fábula ingênua e divertida do criado que se vale dos mais desastrados expedientes para servir a dois empregadores ao mesmo tempo teve pelo menos uma montagem antológica no país: em 1951, no Rio de Janeiro, pelo Teatro dos Doze, com direção do italiano Ruggero Jaccobi, e Sérgio Cardoso no papel-título. Em 1971, José Renato dirigiria, também no Rio, uma montagem mais comercial, que tinha como trunfos os nomes de Millôr Fernandes (tradução), Gianni Ratto (cenografia) e Grande Othelo na pele do protagonista. De lá para cá, merecem menção a encenação do grupo Galpão em meados dos anos 80, que não chegou a ultrapassar as fronteiras de Minas Gerais, e, naturalmente, as três vindas do Piccolo Teatro di Milano<sup>2</sup> (a mais recente delas, em junho último), com diferentes versões da histórica montagem de Giorgio Strehler – em repertório, não por acaso, desde 1948.

## Sinopse

*Clarice, "digníssima filha" de Pantaleão Bisognoso, comerciante de Veneza, e Sílvio, "digno filhíssimo do conspícuo Doutor Lombardi" estão radiantes de felicidade. Com a notícia do assassinato de Frederico Rasponi, Clarice livrou-se finalmente do casamento de conveniência com o jovem comerciante de Turim, e os dois pombinhos não tardam a formalizar o noivado. Mas, mal realizam o desponsório, e eis que um certo Arlequim Batocchio adentra o recinto para anunciar a chegada de seu patrão... (imaginem!) Frederico Rasponi. Entre as duas palavras empenhadas, Pantaleão fica com a primeira, cedendo de novo a mão da filha a seus interesses comerciais. E um deus-nos-acuda se instala no seio das famílias Bisognoso e Lombardi. Só o hospedeiro Briguela, compadre de Pantaleão e testemunha do noivado, sabe, mas o recém-chegado é, em verdade, Beatriz, irmã de Frederico. Transtornada de paixão por Florindo Aretusi, o suposto assassino de seu irmão, ela segue para Veneza disposta a receber o dote destinado ao irmão para ajudar o seu amado, que "temendo a justiça escapou pelo mundo sem sequer se despedir". Ela não sabe, mas Florindo fugiu justamente para... Veneza! E os dois acham de se alojar, ora bolas, na mesma hospedaria. Sem imaginar a embrulhada em que está se metendo, Arlequim, sempre famélico, dá um jeito de servir os dois ao mesmo tempo, e, dessa forma, receber comida e salário dobrados. Mas, na ânsia de manter os dois empregos, não revela a um nem a outro a dupla a jornada. E assim, as trapalhadas de Arlequim vão se sucedendo e estabelecem uma tamanha confusão que, por pouco, não levam ao suicídio os dois casais de Enamorados. Mas, como "as desgraças costumam ser mesmo desgraçadas", e a commedia dell'arte, ao contrário, foi feita para dar risada, tudo termina bem, com Pantaleão e Doutor Lombardi de bem e os casais a se chamar outra vez de meu bem.*

## Quem é quem

Marcos Breda é.....Arlequim Batocchio  
Camila Pitanga é.....Beatriz Rasponi  
Ernani Moraes é.....Pantaleão Bisognoso  
Carolyna Aguiar é.....Clarice Bisognoso  
Leonardo Vieira é.....Sílvio Lascivo Trecuglioni  
Mario Borges é .....Doutor Lombardi  
Guilherme Piva é.....Florindo Aretusi  
Anderson Müller é.....Briguela Cavicchio  
Carol Machado é.....Esmeraldina

